

TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS EM UM GRUPO DE IDOSOS

MARCELO MELO SILVA¹; MARJORIÊ DA COSTA MENDIETA²; MARAISA CARINE BORN³; ANDRIELI DAIANE ZDANSKI DE SOUZA⁴; FERNANDA GROSSELLI⁵; RITA MARIA HECK⁶;

¹Acadêmico do 10º semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas- UFPel – marcello_melo@yahoo.com.br

²Mestranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas- UFPel – marjo.mendieta@ibest.com.br

³Acadêmica do 7º Semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel – mara.born@hotmail.com

⁴Mestranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas- UFPel – andrielle_zdanski@hotmail.com

⁵Acadêmica do 8º Semestre da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel – nandinhagrosselli@hotmail.com

⁶Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas- UFPel – rmheckpillon@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os saberes sobre as plantas medicinais geralmente são repassados entre as gerações familiares, a qual é nela que geralmente ocorre essa troca de saber. Compreender como ocorre essa transmissão exige entender as representações simbólicas empregadas, que se ampliam por meio das trocas de informações entre os membros da família (CEOLIN et al., 2011).

Esse processo também pode estar relacionado à influência da mulher, pois é geralmente as responsáveis pelo cuidado dos filhos e da família, além de se dedicarem mais aos cuidados de quintais, ocorrendo desta maneira, maior conhecimento do que os homens (MERÉTIKA, 2008). Outro aspecto que pode influenciar na transmissão é a idade, a qual as pessoas mais velhas utilizam no seu cuidado remédios à base de plantas do que as pessoas mais jovens (TABUTI et al., 2012). Além disso, estas pessoas de mais idade ao participarem de grupo de idosos trocam experiências e ideias, com isso proporcionando benefícios a sua saúde (RIZZOLLI; SURDI, 2010).

Diante destes fatores, os profissionais de saúde, em especial o enfermeiro, pelo contato próximo com a população, podem ser fundamentais nesse processo de transmissão de conhecimento, pois são eles que atendem os usuários, realizam consultas, e tudo isso deve ser sustentado na prática da visão da integralidade, conforme o contexto e a cultura de cada grupo (CEOLIN et al., 2011).

Desse modo, o objetivo deste trabalho foi investigar a forma de transmissão de conhecimento relacionado às plantas medicinais em um grupo de idosos.

2. METODOLOGIA

Consiste num estudo de abordagem qualitativa, vinculada ao projeto “Plantas bioativas de uso humano por famílias de agricultores de base ecológica na região Sul do RS”, desenvolvido pelo Laboratório de Cuidado à Saúde e Plantas Bioativas da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e pela Embrapa Clima Temperado. A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A população estudada foi composta por nove participantes, os quais eram descendentes da zona rural do município de Capão do Leão/RS e pertencentes a um grupo de idosos referidos pela secretaria de saúde do município. Utilizou-se a metodologia snowball sampling (GOODMAN, 1999).

Foram utilizadas como instrumentos a entrevista semiestruturada e a observação simples. As informações foram coletadas no período de julho a agosto de 2010 e o local de estudo foi o domicílio dos participantes, sendo estes identificados pela primeira letra do nome e idade. Os dados foram transcritos e analisados seguindo a proposta Operativa de Minayo (MINAYO, 2010). O projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (072/2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre a população estudada, sete participantes são do sexo feminino e dois do sexo masculino. A faixa etária oscilou entre 59 e 76 anos, sete possuíam o ensino fundamental incompleto, um o ensino fundamental completo e um o ensino médio completo.

Ao indagar os participantes a respeito de como aprenderam sobre as plantas medicinais, constatou-se que a transmissão do conhecimento ocorreu, em sua maior parte, por meio da família, sendo repassado entre as gerações. Podemos observar essa informação por meio dos seguintes discursos:

“Sim, com meus pai, depois com meus tio, com a minha vó”. (E. 70)

“Tanto o pai quanto a mãe”. (I. 72)

“Eu aprendi na campanha com o meu pai e minha mãe”. (C. 70)

Geralmente não há um momento específico para ensinar sobre plantas medicinais, o que reforça a necessidade das diferentes gerações familiares estarem juntas, para que os saberes sejam compartilhados (BORGES, 2010). Pode-se observar que o convívio diário desde a infância com a família, propagou o conhecimento entre os entrevistados. Os discursos a seguir evidenciam a importância da oralidade na transmissão do conhecimento:

“A minha vó também era uma pessoa antiga, ela sabia muito de ervas de chá, então ela dizia”. (E. 70)

“Não tenho estudo, mas tenho boa memória, eu guardo na cabeça”. (E. 70)

“Não tinham estudo (pais) e eu também não. E só as pessoas falarem, isso é bom pra tal coisa”. (C. 70)

A forma de explanação oral é o principal meio pelo qual o conhecimento sobre plantas é transmitido, para isso é necessário que ocorra grande contato entre idosos e jovens, isto se evidencia em sociedades rurais e indígenas, nas quais ocorre a socialização de grupos domésticos e de parentesco (BRASILEIRO et al., 2008).

Além disso, alguns discursos demonstram que esse saber foi repassado na infância, momento oportuno em que geralmente se convive mais com os pais, além de ser uma época da vida que se tem curiosidade e interesse em aprender. Os discursos a seguir relacionam também o uso e aprendizado com as condições de vida de quem reside no meio rural, especialmente em décadas passadas, em que os serviços de saúde eram de difícil acesso comparado aos dias atuais.

“Nós se curava só com chá, nós nunca ia a médico, nós morava pra fora desde de pequeno, nunca ia a medico”. (I. 59)

“Aé, a gente se criou pra fora [...] então naquele tempo acho que nem tinha médico, se tinha era em cidade grande que a gente nem tinha condições de ir, que não tinha nenhuma condução”. (I. 72)

Há um predomínio do sexo feminino quando se refere à transmissão de conhecimento sobre plantas medicinais na família, evidenciando a importância da mulher no que se refere à responsabilidade do cuidado em saúde no âmbito familiar, na qual, utilizam plantas medicinais para a sua realização (CEOLIN et al., 2011). Este fato pode ser observado nos seguintes discursos que mostram a importância da mulher, em especial a mãe, na transmissão do saber sobre plantas:

“Muitos anos, repassado pela falecida minha avó, da terceira geração”. (E. 76).

“A mãe sabia tudo, a mãe só usava ervas de chá”. (E. 76)

“É a minha mãe também, ela sempre utilizou chás. Eu morei num internato, as freiras também gostavam e também usavam muito chá”. (O.61)

Talvez este aspecto esteja associado ao fato de a mulher, desde a antiguidade, ficar mais em casa, assumindo o papel de cuidadora do lar e da família. Mesmo a mulher conquistando seu espaço no mercado de trabalho, ainda preocupa-se com o cuidado da sua família. Por conseguinte, talvez isso justifique o fato destas conhecerem mais sobre plantas medicinais, visto que esta é uma terapêutica que está associada ao cuidado (CABRAL; TYRRELL, 1995).

Alguns participantes citaram ainda livros e vizinhos como fontes de informação sobre plantas medicinais, demonstrando valor na transmissão deste saber.

“Um pouco e outro pouco através de livros”. (A. 68)

“Não. Eu peço pro meu vizinho, ele que tem. Ele tem o livro das plantas. Eu peço, daí ele vai olhar no livro”. (E. 76)

Outro fator relevante, quando se trata de conhecimento sobre plantas observado nessa pesquisa, é a falta de conhecimento dos profissionais da saúde sobre a temática, evidenciado por meio dos discursos:

“Não, eles (profissionais de uma Unidade Básica de Saúde) não dizem nada né, só dizem o chá não faz muito bem”. (E. 76)

“Eu nunca pergunto sobre plantas, eu nunca pergunto, porque aí (Unidade Básica de Saúde) eles me receitam remédio”. (C. 70)

“Não, infelizmente ainda não (referindo-se a falta de informação dos profissionais de saúde quanto às plantas medicinais)”. (A. 69)

Um estudo corrobora essa informação, na qual, 27% dos profissionais de saúde entrevistados em cinco cidades do interior do Rio de Janeiro, julgam que as terapias complementares não são seguras por provocarem efeitos colaterais, sendo a razão de 41% dos profissionais entrevistados não as indicarem (VEIGA JUNIOR, 2008).

Este é um fator preocupante, visto que se espera que os profissionais de saúde sejam o suporte para a população, quando essa necessita de orientação sobre cuidados em saúde. Entretanto, o que se observa é uma resistência dos profissionais sobre as plantas medicinais. Isso pode ser explicado pela falta de conhecimento dos mesmos para realizarem adequada orientação, e com isso, acabam por desestimular o uso (ALVIM et al., 2006).

Os discursos neste estudo evidenciam a importância da família na perpetuação do conhecimento sobre plantas medicinais. São diversos os fatores que podem influenciar essa transmissão de saberes, como o papel da mulher na sociedade e no cuidado à família, a convivência entre as gerações familiares e a comunidade, além da literatura que também se faz presente.

4. CONCLUSÕES

A transmissão oral é predominante no conhecimento a cerca de plantas neste grupo de idosos. O fato de terem contato com os familiares mais velhos como pais e

avós, foi importante para a obtenção deste saber, demonstrando a importância de manter contato entre jovens, adultos e idosos para a propagação do conhecimento.

Este estudo demonstra ainda a importância do profissional de saúde conhecer as principais fontes de informação sobre as plantas para que, além de estimularem o uso, sejam influenciadores da transmissão de conhecimento, para que este saber não seja perdido com o passar das gerações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIM, N.A.T; FERREIRA, M.A; CABRAL, I.E; ALMEIDA FILHO, A.J. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.3, p.1-9, 2006.
- BRASILEIRO, B.G.; PIZIOLO, V.R.; MATOS, D.S.; GERMANO, A.M.; JAMAL, C.M. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v.44, n.4, p. 629-636, 2008.
- BORGES, M.A. **Plantas medicinais no cuidado em saúde de moradores da Ilha dos Marinheiros: contribuições à enfermagem**. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.
- CABRAL I.E, TYRRELL M.A.R. O estilo de cuidar da mãe e o trabalho da enfermagem, **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v.3, n2, p.189-95, 1995.
- CEOLIN, T.; HECK, R.M.; BARBIERI, R.L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R.M.; PILLON, C.N. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, v.45, n.1, p.47-54, 2011.
- GOODMAN, L. A. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, v. 31, p.148-170, 1961. Acessado em: 09 de outubro de 2013. Online. Disponível em: <http://projecteuclid.org/DPubS?service=UI&version=1.0&verb=Display&handle=euclid.aoms/1177705148>
- MERÉTIKA, A.H.C. **Conhecimento e utilização de plantas medicinais por comunidades de pescadores do município de Itapoá – SC**. 2008. 69f. Dissertação (Mestrado em Biologia) - Programa de Pós-Graduação em Biologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC, 2010.
- RIZZOLLI, D.; SURDI, A.C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p.225-233, 2010.
- TABUTI, J.R.S.; KUKUNDA, C.B.; KAWEEESI, D.; KASILO, O.M.J. Herbal medicine use in the districts of Nakapiripirit, Pallisa, Kanungu, and Mukono in Uganda. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.8,n.35, p.1-15, 2012.
- VEIGA-JUNIOR, V.F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.18, p.308-313, 2008.